

NOVO TESTAMENTO E SALMOS

*Extraídos da Bíblia Ave-Maria
Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante
a versão dos Monges Beneditinos e Maredsous (Bélgica)*



Rua Martim Francisco, 636
01226-002 – São Paulo, SP – Brasil
Tel.: (11) 3823-1060
www.avemaria.com.br

Nihil obstat

cens. dep.

Imprimi potest

P. Gerardus Jarussi, CMF

Superior Provincialis

Sti. Pauli, 21 – III – 1971

Imprimatur

Carolus, Card. Archiep.

Sti. Pauli, 26 – XII – 1957

ISBN: 978-85-276-1666-9

2ª edição – 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bíblia.

Novo testamento e salmos / Organizado pela equipe editorial Ave-Maria. – 1. ed. – São Paulo: Editora Ave-Maria, 2019. 448 p.

ISBN: 978-85-276-1666-9

Extraídos da Bíblia Ave-Maria tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos e Maredsous (Bélgica).

1. Bíblia – Novo testamento 2. Salmos I. Equipe Editorial Ave-Maria

13-0800

CDD 225.569

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia N.T.

225.569

Edição Claretiana – 2022

A Editora reserva-se todos os direitos de reprodução, total ou parcial.



CLARET
PUBLISHING GROUP

A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group).

Bangalore • Barcelona • Buenos Aires • Chennai • Colombo • Dar es Salaam • Lagos • Macau • Madri • Manila • Owerri • São Paulo • Varsóvia • Yaoundé.

Sumário

Como ler as citações bíblicas	4
Introdução ao Novo Testamento	5

Abreviaturas usuais

NOVO TESTAMENTO

Mt	–	Evangelho segundo São Mateus	13
Mc	–	Evangelho segundo São Marcos	50
Lc	–	Evangelho segundo São Lucas	73
Jo	–	Evangelho segundo São João	112
At	–	Atos dos Apóstolos	141
Rm	–	Carta de São Paulo aos Romanos	177
1Cor	–	Primeira Carta aos Coríntios	193
2Cor	–	Segunda Carta aos Coríntios	209
Gl	–	Carta aos Gálatas	220
Ef	–	Carta aos Efésios	226
Fl	–	Carta aos Filipenses	231
Cl	–	Carta aos Colossenses	235
1Ts	–	Primeira Carta aos Tessalonicenses	239
2Ts	–	Segunda Carta aos Tessalonicenses	243
1Tm	–	Primeira Carta a Timóteo	245
2Tm	–	Segunda Carta a Timóteo	249
Tt	–	Carta a Tito	252
Fm	–	Carta a Filêmon	254
Hb	–	Carta aos Hebreus	255
Tg	–	Carta de São Tiago	267
1Pd	–	Primeira Carta de São Pedro	270
2Pd	–	Segunda Carta de São Pedro	275
1Jo	–	Primeira Carta de São João	278
2Jo	–	Segunda Carta de São João	282
3Jo	–	Terceira Carta de São João	282
Jd	–	Carta de São Judas	283
Ap	–	Apocalipse	284
		Introdução aos Salmos	305
Sl	–	Salmos	308
		Índice doutrinal	429
		Calendário hebraico	443
		Medidas e moedas	444
		Genealogia bíblica	446
		A Bíblia nas igrejas	447

Como ler as citações bíblicas

As frequentes citações de textos bíblicos são apresentadas da seguinte maneira: título do LIVRO (ver abreviaturas explicadas no Sumário), seguido do CAPÍTULO e do VERSÍCULO em questão.

Muito importante, porém, é saber distinguir o valor dos diversos SINAIS DE PONTUAÇÃO.

A **vírgula** (,) separa o capítulo do versículo.

O **ponto** (.) indica um salto entre os versículos: ler somente o número que precede e o que segue.

O **hífen** (-) é o contrário do anterior: ler desde um versículo até o outro, sem omitir os versículos intermediários.

O **ponto-e-vírgula** (;) separa citações, dentro do mesmo Livro ou de um Livro para outro.

Os **parênteses** [()] cercam textos praticamente iguais à citação anterior, como acontece amiúde, por exemplo, com citações dos três primeiros Evangelhos.

Um esse (s) indica o versículo imediatamente seguinte ao número que o precede: portanto, o total de dois versículos.

Dois esses (ss) designam os dois versículos imediatamente seguintes: portanto, o total de três versículos. Para mais de três, usa-se o hífen (-) que, aliás, pode ser usado mesmo nos dois casos anteriores (s, ss).

Quando não se indica o versículo, é sinal de que se trata do capítulo inteiro ou quase inteiro. Nesse caso, nunca se usa a vírgula (,) e os outros sinais continuam com o mesmo significado, porém com relação a capítulos e não a versículos.

Citações extensas, que ultrapassam o capítulo, adotam o traço maior, isto é, o travessão (-).

EXEMPLOS

1Cor 4,6-13 significa: 1ª carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 4, versículos 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13.

Jr 32,17-22.27ss significa: Livro do profeta Jeremias, capítulo 32, versículos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 28, 29. (Não entram na citação os versículos 23, 24, 25, 26.)

Pr 1,7 (9,10; Sl 110, 10; Eclo 1,16) significa: Livro dos Provérbios, capítulo 1º, versículo 7 – ideia ou palavra que se lê também no mesmo Livro, capítulo 9; também no Salmo 110 e no Eclesiástico, capítulo 1º, precisamente nos versículos citados.

Is 40–55 significa: Isaías, capítulos 40 até 55 inclusive, isto é, 16 capítulos inteiros!
 Jo 11 significa: Evangelho segundo São João, capítulo 11 inteiro!
 Tb 5s ou Tb 5–6 significa: Livro de Tobias, capítulos 5 e 6 (apenas).
 Sl 95ss ou Sl 95–97 significa: Salmos 95, 96, 97 (apenas).
 Tb 5,5–12,22 significa: quase 8 capítulos do Livro de Tobias, desde o capítulo 5, versículo 5, até o fim do capítulo 12 (= existência dos Anjos)!
 Rm 12,14.17.20s significa: somente os versículos, isolados, 14, 17, 20 e 21 do capítulo 12 da Carta aos Romanos (= amor aos inimigos).

Introdução ao Novo Testamento

Os Evangelhos

A palavra Evangelho é de origem grega e significa a Boa-Nova. Os Evangelhos são escritos que contam a boa-nova da vinda entre os homens daquele que se fez “filho do homem”, a fim de que nos possamos tornar “filhos de Deus”.

Mas antes de ser um livro, o Evangelho foi uma palavra pregada: antes de ser lido, ele foi ouvido. Como o Senhor Jesus tinha falado, assim falaram os apóstolos depois de sua morte. Mas eles não se contentaram em transmitir sua doutrina; acrescentaram-lhe um testemunho sobre sua vida e suas ações: “o que ele fez, o que ele ensinou”, como diz o livro dos Atos dos Apóstolos.

O ensinamento dos apóstolos se inseria no quadro seguinte: 1. a pregação de João Batista; 2. a missão de Jesus na Galileia; 3. a missão de Jesus na Judeia e em Jerusalém; 4. sua paixão, sua morte e sua ressurreição. Esse ensinamento foi em breve consignado parcialmente por escrito, para que fosse conservado com fidelidade.

É esse o quadro em que se amolda a narrativa dos três primeiros evangelistas. Mateus, Marcos e Lucas, dos quais um somente era apóstolo de Jesus. É certo que essas três redações não são as únicas que foram compostas. Mas são as únicas que nos foram conservadas. Lucas faz expressamente alusão aos documentos dos quais ele se serviu para redigir o seu texto. É verossímil que tenham existido, desde os primeiros anos que se seguiram à morte de Jesus, várias coleções de palavras do Salvador (como o Discurso sobre o monte, caps. 5, 6 e 7 de Mateus), ou narrações propriamente ditas (como a da Paixão). Esses três primeiros relatos, feitos em um mesmo plano, foram chamados Evangelhos sinóticos, porque seu conteúdo pode ser abraçado de um só olhar, distribuindo-o em três colunas paralelas.

Se os Evangelhos sinóticos se assemelham a ponto de apresentarem às vezes uma reprodução textual de certas narrativas, nem por isso deixam de ter entre si grandes diferenças, que destacam a originalidade dos seus autores.

MATEUS, cujo verdadeiro nome é Levi, coletor de impostos antes de ter sido chamado pelo Senhor para fazer parte do colégio apostólico, redigiu seu Evangelho em aramaico (dialeto do hebraico), segundo uma antiquíssima tradição, no ano 60. Esse texto, não conservado, foi depressa traduzido para o grego. O tradutor, em certos lugares, parece que se serviu do texto de Marcos.

MARCOS é o sobrenome de João, primo de Barnabé, do qual se fala no livro dos Atos dos Apóstolos 12,12. É um discípulo de Pedro e companheiro de Paulo em sua primeira viagem missionária. Seu Evangelho representa um apanhado dos ensinamentos de Pedro em Roma, pouco antes de 64. As minúcias de alguns detalhes nos garantem que há um testemunho direto da vida e da atividade de Jesus.

LUCAS é de origem grega. É também um companheiro das missões de Paulo. Lucas escreveu também os Atos dos Apóstolos pouco antes de 68. Seu Evangelho é, pois, anterior a essa data. Embora ele não tenha sido testemunha ocular dos acontecimentos, seu livro é digno de crédito por causa do cuidado que teve o autor em documentá-lo. Ele utilizou certamente o texto de Marcos e o de Mateus.

O Evangelho de JOÃO deve ser apresentado à parte. Seu autor é o apóstolo João, irmão de Tiago, filho de Zebedeu. Ele foi um dos mais íntimos discípulos de Jesus, a quem o Salvador confiou o cuidado de sua mãe no momento de sua morte. Por várias vezes ele designa discretamente a si mesmo pelas palavras: “o discípulo que Jesus amava”. João compôs seu Evangelho, seja em Antioquia, seja em Éfeso, nos últimos anos do primeiro século, mais de trinta anos após a redação dos três primeiros.

Ele não escreve para os pagãos, mas para os cristãos, que têm ouvido já numerosas objeções e lutado para defender a fé contra doutrinas estranhas. Com uma narrativa original, completando a de seus predecessores, ele quer mostrar a divindade manifestando-se aos homens na pessoa de Jesus. Nele, ele quer mostrar o Filho de Deus, sofredor e glorificado. Apresenta-o como “a água da vida eterna”, “o pão vivo descido do céu”, “a luz do mundo”, “o bom pastor”, “o caminho, a verdade e a vida”, “a vida eterna”. Ele quer mostrar que Jesus, que era a “Luz”, não foi recebido pelos judeus, ficando desconhecido mesmo dos seus; e que, morto por aqueles que o rejeitavam, ele se tornou, em sua ressurreição, a manifestação gloriosa de Deus. A vida de Jesus é um dom que Deus faz aos homens, os quais poderão aceitá-lo ou rejeitá-lo.

João conta não somente fatos, gestos e discursos de Jesus, mas fala-nos também de sua experiência pessoal junto ao Mestre: ele diz-nos o que Jesus é para o crente.

Os Evangelhos constituem, pois, um documento inestimável sobre a vida e o ensinamento de Jesus. Tem-se muitas vezes objetado que eles

não são perfeitamente concordantes. A resposta a dar a essa objeção é que as diferenças só se referem a elementos acessórios e a detalhes.

Essas diferenças, por outra parte, são devidas ao fato de que os evangelistas não pretendem fazer da vida do Senhor uma narrativa propriamente histórica. Os Evangelhos são escritos religiosos, doutrinários, destinados a alimentar a fé e a comunicá-la, fazendo conhecer a pessoa de Jesus. Cada autor, ao escrever, tinha seu ponto de vista particular.

Mateus escreve na Palestina para leitores judeus; seu texto se particulariza pela abundância de citações do Antigo Testamento.

Marcos quer apresentar Jesus aos pagãos, fazendo notar sobretudo o que havia de extraordinário e de valor probatório de sua missão nos milagres por ele operados.

Lucas, escrevendo também para os pagãos, tem a visível preocupação de apresentar Jesus sob um aspecto mais atraente e comovedor, fazendo notar, antes de tudo, a bondade e a misericórdia do Salvador.

João procura mostrar aos seus leitores a divindade de Jesus e revelar-lhes um pouco de sua realidade invisível, mas conservando o cuidado de apresentá-lo como um homem no concreto de seus atos e de seus discursos.

Malgrado todas essas diferenças, a Igreja tem sempre o vivo sentimento de que não houve jamais senão um Evangelho, uma só Boa-Nova de salvação, mas apresentada sob quatro formas: segundo Mateus, segundo Marcos, segundo Lucas e segundo João.

Os Atos dos Apóstolos

Os ATOS DOS APÓSTOLOS formam a sequência do terceiro Evangelho e foram escritos pelo mesmo autor, Lucas, que, para redigi-los, utilizou tradições escritas e orais e escreveu, em uma parte importante de sua narrativa, suas próprias memórias.

Os Atos contam os acontecimentos que marcaram o nascimento da Igreja primitiva: a ascensão de Jesus, o Pentecostes, a primeira pregação em Jerusalém e na Palestina; em seguida, a conversão de Paulo e suas viagens missionárias através da Ásia Menor e da Grécia, sua prisão, seu processo e sua transferência para Roma. A narrativa termina bruscamente, sem falar da libertação do apóstolo e de suas viagens antes do martírio.

O livro dos Atos, em sua primeira parte, insiste antes de tudo na influência do Espírito Santo sobre o desenvolvimento das primeiras comunidades cristãs.

Na segunda parte, ele se restringe a mostrar como Paulo, seguindo nisso o exemplo de Pedro, é o grande realizador da entrada em massa dos pagãos na Igreja.

A leitura dos Atos dos Apóstolos – aliás, fácil e atraente – é indispensável para uma boa inteligência das Epístolas de São Paulo.

As Epístolas de São Paulo

Para bem compreender as cartas de São Paulo, é preciso colocá-las em sua ordem cronológica e situá-las na narrativa dos Atos dos Apóstolos.

As Duas aos Tessalonicenses são as mais antigas. Elas devem ter sido escritas por volta do ano 50 depois de Cristo. Na primeira, o apóstolo lembra aos fiéis de Tessalônica com que desinteresse ele lhes pregou o Evangelho (caps. 1 e 2): fala-lhes da alegria que lhe causa o pensamento da fidelidade deles e da esperança que tem ele de vê-los progredir sempre mais (cap. 3). Convida-os a se mostrarem firmes e encoraja-os a viverem na esperança, falando-lhes da ressurreição dos mortos (caps. 4 e 5). Na segunda, ele previne seus leitores contra as falsas ideias relativas ao retorno glorioso do Senhor, que então se figurava muito próximo (caps. 1 e 2). Convida os fiéis a porem toda sua confiança em Deus, para que se fortaleçam e sejam preservados do demônio, e procura ajudá-los a evitar a ociosidade (cap. 3).

O motivo da Epístola aos GÁLATAS foi o seguinte: alguns judeus cristãos queriam obrigar os pagãos neoconvertidos a se conformarem à antiga lei religiosa judaica. O apóstolo protesta contra esse particularismo.

Nessa epístola (cuja data é controversa, colocando-a alguns em 48 e outros mais ou menos em 56), ele conta como foi chamado ao apostolado pelo próprio Jesus, e afirma que só há um Evangelho autêntico, aquele que foi anunciado com unanimidade por todos os outros apóstolos (caps. 1 e 2). Mostra em seguida a conformidade de sua doutrina com as promessas do Deus de Abraão, que foi “justificado pela fé” (caps. 3 e 4). Finalmente, expõe o que é a liberdade cristã e a vida do fiel sob a conduta do Espírito de Deus (caps. 5 e 6).

A Epístola aos ROMANOS (que se pensa geralmente ter sido escrita no ano 57) desenvolve ainda esse ponto de vista em um magnífico comentário doutrinal, cujas ideias principais são: caps. 1 a 3: o estado de pecado em que se encontram os homens e a impossibilidade de se salvarem com seu próprio mérito; caps. 4 a 6: a salvação que Deus tinha dado pela fé a Abraão e a concede agora a todos os homens pela fé em Jesus Cristo; caps. 7 e 8: a transformação operada por Deus no fiel pelo poder do Espírito Santo, e o dom inestimável que Deus dá aos homens por amor; caps. 9 a 11: exame da missão do povo hebreu, depositário das promessas, infiel à sua vocação, mas chamado a uma conversão futura. Em uma segunda parte, caps. 12 a 15, o apóstolo expõe os fundamentos de uma vida moral verdadeiramente cristã, na qual descreve os deveres dos cristãos para com seus adversários, as autoridades; recomenda a tolerância e a condescendência mútua na caridade.

A Primeira aos Coríntios é dirigida aos fiéis de uma comunidade em que já reinavam disputas e abusos. Ela é escrita de Éfeso, por volta do ano 55. O apóstolo começa por pregar a união, dando como motivo de sua atitude a bela doutrina sobre a humildade que nos ensina a cruz de Jesus (caps. 1 a 3); lembra seus direitos à afeição dos fiéis de Corinto (cap. 4); protesta contra os escândalos

sobrevindos na comunidade: processos judiciais entre os fiéis, imoralidade; e aproveita a ocasião para expressar sua opinião sobre o casamento e a virgindade (caps. 5 a 7); examina o que se deve fazer com as carnes provenientes dos sacrifícios pagãos aos ídolos (caps. 8 a 10); trata do traje das mulheres na Igreja e da celebração da comunhão (cap. 11); dá conselhos a respeito dos dons espirituais, escrevendo então uma célebre passagem sobre a caridade (caps. 12 a 14); fala da ressurreição dos mortos (cap. 15); e, enfim, apela para a generosidade de seus leitores em favor da comunidade de Jerusalém.

Depois dessa epístola deve-se colocar uma carta aos mesmos destinatários, atualmente perdida, à qual alude aquela que chamamos de Segunda aos Coríntios. Nesta, o apóstolo defende-se de seus contraditores, primeiro de um modo geral, defendendo os direitos dos apóstolos, e em seguida justificando-se pessoalmente de todas as acusações de que ele fora objeto por parte dos fiéis de Corinto.

As epístolas aos Efésios, aos Filipenses e aos Colossenses são chamadas “epístolas do cativo”, porque foram escritas durante uma detenção que sofreu o apóstolo em Éfeso e em Roma, em 60-62. Nessas epístolas (sobretudo nas epístolas aos Efésios e aos Colossenses, que têm o mesmo plano), São Paulo trata do “mistério do Cristo na Igreja”, e junta, em uma segunda parte, uma série de conselhos morais dirigidos aos fiéis que vivem a nova vida de Jesus Cristo. A Epístola aos Filipenses, que tem um caráter mais pessoal, é notável pelas múltiplas expressões de alegria que contém. Quanto à Epístola a Filêmon, é mais um bilhete que uma carta, e dirige-se a um rico cristão de Colossos, cujo escravo fugitivo viera buscar proteção junto ao apóstolo. Este implora do senhor irritado o perdão para o escravo arrependido.

As epístolas chamadas “pastorais” – duas a Timóteo, uma a Tito – foram escritas fora do quadro que nos oferece a narração dos Atos dos Apóstolos. Elas devem ser situadas durante as últimas viagens que fez o apóstolo, depois de sua provável libertação, em 62.

TIMÓTEO, oriundo de Listra, na Lacaônia, é filho de pai grego e de mãe judia. É discípulo de Paulo e seu companheiro de viagem. A seguir é colocado à frente da comunidade de Éfeso. A Primeira a Timóteo é uma carta que visa a lembrar conselhos já recebidos e propor um programa de vida concernente aos homens, às mulheres, aos bispos e aos diáconos (é o primeiro índice histórico que temos de uma hierarquia na Igreja). Depois de ter combatido uma falsa concepção de mortificação, ele dá enfim conselhos sobre o procedimento a ser mantido com as diversas categorias de fiéis: as viúvas, os anciãos e os escravos.

TITO é também um grego, colaborador de Paulo. Este lhe escreve para lhe dar conselhos sobre a organização das comunidades da ilha de Creta. Esses conselhos são semelhantes aos da Primeira Epístola a Timóteo.

Enfim, a Segunda a Timóteo é uma carta em que o apóstolo, novamente prisioneiro e pressentindo já o martírio, dá aos seus discípulos suas últimas recomendações. É quase um adeus; tudo respira uma profunda emoção nessa carta.

A Epístola aos Hebreus deve ser mencionada à parte. Embora reflita as ideias mestras de São Paulo, ela não parece entretanto ter sido escrita por sua mão, tão diferente é o seu estilo das outras.

A carta é dirigida a uma parte dos judeus convertidos que sofriam por terem de abandonar o culto do templo e da sinagoga, ao se tornarem cristãos. A Epístola aos Hebreus estabelece, mediante uma sólida argumentação, partindo da Lei de Moisés, que o Evangelho não somente contém toda a substância do culto israelita, mas que também é a realização efetiva daquilo que esse culto só possuía em imagem: 1) Jesus é Filho na casa de Deus, onde Moisés não passava de servo (caps. 1 a 4); 2) Jesus foi um sacerdote maior que Aarão (cap. 5); 3) Jesus é maior que Melquisedec (caps. 6 e 7); 4) o céu em que Jesus nos introduz é incomparável ao templo do antigo culto (cap. 8); 5) Jesus, oferecendo-se a Deus em seu sacrifício sangrento, torna inúteis todos os sacrifícios do culto mosaico (caps. 9 e 10); 6) Os heróis do Antigo Testamento não obtiveram de Deus o cumprimento de todas as promessas (cap. 11); nós é que seremos os verdadeiros beneficiários dessas promessas, contanto que sigamos as pisadas de Jesus (cap. 12).

As Epístolas Católicas

Tal é o nome que se dá aos sete escritos que se apresentam sob a forma de cartas, dirigidas não a uma comunidade particular, mas a um conjunto de Igrejas.

A Epístola de Tiago é de fato obra de Tiago, “irmão do Senhor”, do qual São Paulo fala na Epístola aos Gálatas (2,6-12) e que presidia, como bispo de Jerusalém, a importante reunião dos apóstolos em Jerusalém, no ano 49. Sua carta é toda penetrada do espírito do Sermão da Montanha: ela só contém conselhos para a vida moral: piedade, justiça e caridade. É um verdadeiro guia de virtudes para o cristão fervoroso.

A Primeira de Pedro é uma carta escrita em estilo tão semelhante ao de São Paulo que se supõe redigida por Silvano, discípulo de Paulo, que se tornara colaborador de Pedro, e que é mencionado nessa carta, no cap. 5,12. Essa carta é notável pelo seu ensinamento sobre a alegria do cristão batizado e a união dos cristãos em Jesus Cristo (caps. 1 e 2). Dirigida a cristãos que sofrem por sua fé, a carta lembra-lhes o exemplo da Paixão de Cristo (cap. 3), exortando-os à santidade e à prática de todas as virtudes correspondentes aos seus estados.

A Segunda de Pedro, que parece ter sido redigida por outro secretário do apóstolo, aproxima-se muito estreitamente da Epístola de Judas. Esses dois escritos têm por principal objeto a refutação de falsas doutrinas que alguns falsos profetas de vida dissoluta começavam a semear. São um encorajamento premente à fidelidade e ao amor de Deus.

Restam as Três de João, que datam do fim do primeiro século, e têm por autor o apóstolo que Jesus amava. A ideia central da primeira é: Deus é amor e luz. Em consequência, o cristão deve conduzir-se como filho da

luz: fugir da concupiscência, guardar os mandamentos, sobretudo o da caridade, e arrepender-se sinceramente, se lhe acontecer cair em pecado.

As duas outras cartas (antes, bilhetes) são dirigidas: a primeira, a uma comunidade da Ásia (velada sob o nome misterioso de *Kyria*, “a eleita”); e a outra, a Gaio; tratam ambas de questões mais particulares.

O Apocalipse

O Apocalipse (palavra grega que significa revelação) é obra do apóstolo João, que o escreveu no fim de sua vida, mais ou menos no ano 100, sob a forma de uma carta dirigida às Igrejas da Ásia Menor.

Esse livro é considerado pela maioria dos leitores como o mais difícil de compreender e o mais misterioso de toda a Bíblia. Ele é, com efeito, bastante enigmático, mas sua interpretação pode tornar-se mais clara, se se levar em conta, de um lado, o gênero literário utilizado pelo autor e, de outro, a circunstância em que a obra foi escrita.

A situação dos cristãos da Ásia era, naquela época, das mais críticas. As perseguições já tinham começado. Por outro lado, muitos cristãos, que esperavam uma próxima libertação pelo retorno glorioso do Cristo, verificavam com tristeza que esse retorno demorava e que seu termo era quase indefinidamente adiado. Tomados de angústia, começavam a perder a esperança de encontrar um dia a independência religiosa.

O apóstolo João, fazendo de seu livro uma mensagem de reconforto e de encorajamento e, ao mesmo tempo, um manifesto contra o paganismo reinante, quer anunciar aos seus leitores a inevitável oposição do mal e do bem sobre a terra, e prever a vitória de Deus, decisiva e certa, embora realizada no sofrimento e na morte. Para esse fim, ele lança mão de um recurso literário muito usado entre os judeus desde há dois séculos aproximadamente, do qual se pode ver um exemplo no livro de Daniel. Esse gênero literário foi chamado gênero apocalíptico, porque apresenta aos olhos do leitor uma série de visões, ou revelações muito simbólicas, tendo um sentido oculto. Não se trata de dar uma descrição antecipada de acontecimentos futuros, mas de apresentar uma mesma realidade sob vários símbolos diferentes. Essas visões se supõem outorgadas a um personagem que, dessa maneira, recebe comunicação das intenções divinas sobre os destinos do mundo. Tudo isso é feito em uma linguagem intencionalmente figurada e misteriosa, para provocar uma atenção mais viva no leitor.

Sua leitura será menos desconcertante, se desde o começo for indicado o simbolismo de várias dessas imagens empregadas, por exemplo:

O cordeiro simboliza o Cristo; a mulher, a Igreja cristã; o dragão, as forças hostis ao Reino de Deus; as duas feras (cap. 13), o império romano e o culto imperial; a fera (cap. 17) simboliza Nero; a Babilônia, a Roma pagã; as vestes brancas, a vitória; o número $3\frac{1}{2}$, coisa nefasta ou caduca.

Entretanto, esses símbolos não são exclusivos: o Cristo é às vezes mostrado como o “Filho do Homem” ou um “cavaleiro”.

O Apocalipse não deve, portanto, ser tomado como uma história contemporânea escrita no “tempo futuro” (verbo); ele não é tampouco uma revelação clara e definitiva do futuro: é uma mensagem sobrenatural (velada em símbolos, representando tanto o passado como o presente e o futuro), concernente a um período indefinido que separa a ascensão de Jesus de sua volta gloriosa. Ele anuncia aos fiéis a impossibilidade de escapar à luta e ao sofrimento, às perseguições e ao fracasso aparente no plano terrestre, à realidade da salvação que lhe será concedida no meio de suas obrigações, e à vitória final, obra de Cristo ressuscitado que venceu a morte.

Conclusão

A revelação de Deus na Bíblia não envolve uma garantia científica de tudo o que nela se encontra. É inútil pedir à Bíblia uma explicação dos seis dias da Criação ou da maneira como podiam falar os animais, como por exemplo no caso da jumenta de Balaão. Esses dados não são em si revelações, mas tradições que as contêm.

A própria história, tal como é contida na Bíblia, não é tampouco uma revelação. Mesmo aquele que aprendeu de sua leitura a sucessão dos reinos em Israel, os costumes dos antigos judeus, e até mesmo o cumprimento das profecias do Antigo Testamento no Novo, pode ainda passar ao lado da verdadeira mensagem bíblica.

A escolha que se pode fazer de certas passagens favoritas, edificantes ou comoventes não constitui tampouco uma verdadeira leitura da Bíblia.

Essa verdadeira leitura deverá sempre ter em vista a finalidade primária de toda a Escritura Sagrada que é anunciar Jesus Cristo e dar testemunho de sua pessoa. Para aqueles que viviam no Antigo Testamento só se tratava ainda de um Salvador desconhecido, que viria. Para nós trata-se de um Salvador que “habitou entre nós”, e cuja presença espiritual se perpetuará até o fim dos tempos, isto é, até o seu retorno glorioso.

A Bíblia não entrou, pois, em caducidade. Ela diz-nos respeito hoje como para além dos séculos. Entramos em contato com aquele mesmo Senhor que tinha escolhido Abraão, que havia eleito o povo de Israel, livrado os hebreus do Egito, e santificado os homens pela morte de Jesus Cristo. Como Deus não tem mudado em seu modo de proceder, podemos concluir que somos todos nós, tanto individualmente como na Igreja, escolhidos, eleitos, libertados e santificados pelo nome desse mesmo Jesus Cristo, que os dois Testamentos apontam: o Antigo, como sua esperança; o Novo, como seu modelo; ambos, como seu centro.